

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

FILMar

4 de Fevereiro de 2023

MAYANA / 1966

Realização: Miguel Spiguel / Argumento: Navarro de Andrade / Imagem (35 mm, Eastmancolor: Perdigão Queiroga / Música: a canção “Quero-te”por Mayana Martin / Montagem: Miguel Spiguel / Som: não identificado / Interpretação: Mayana Martin (Mayana), Charlie Wong (Charlie), Gregorie (o Inspetor), A. Brandão (o diretor do centro de reabilitação), Miguel Spiguel (?) (o realizador); locução de Raul Feio.

Produção: Miguel Spiguel, com patrocínio da Polícia Judiciária de Macau / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, ficheiro, cor, 21 minutos. Primeira apresentação na Cinemateca: 23 de Dezembro de 2016, no âmbito da rubrica “Foco no Arquivo”.

O filme é apresentado em cópia restaurada pelo Arquivo Nacional da Imagem em Movimento (ANIM) da Cinemateca Portuguesa.

FANT / 1937

("O Vagabundo")

Realização: Tancred Ibsen / Argumento: Tancred Ibsen, baseado num romance de Gabriel Scott / Direção de Fotografia: Adrian Bjurman / Música: Thode Fagelund / Som: Carsten N. Wilschow / Interpretação: Aldred Maurstad (Fendrik), Lars Tvinde (Sebaldus), Guri Stormoen (Mathilde), Sonja Wiegert (Josefa), Oscar-Egede Nissen (Oscar), Henny Skjonberg (Tobinne), Carsten Winger (Halvor), Sirgud Magnusson (Peter), Marit Halset, Karin Mayer, etc.

Produção: Norsk Film / Cópia: DCP, preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português, 96 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: 1 de Junho de 2006, no ciclo de cinema norueguês.

Sessão seguida de conversa com Hélder Beja, investigador, Kjell Runar Jensen, programador e coordenador do projeto FILMar no Norsk FilmInstitutt, e Tiago Bartolomeu Costa, coordenador do projeto FILMar, na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

A sessão integra o programa de ações públicas do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema com o apoio do programa EEAGrants.

Macau é uma cidade rodeada de água por quase todos os lados, mas tem hoje uma relação distante com essa matéria líquida que em tempos fez dela um importante entreposto comercial. A maioria das embarcações que agora atravessam aquelas partes do mar do sul da China ou são barcos rápidos (os chamados jetfoil) de onde é impossível sequer tocar a água ou cargueiros

de alguma dimensão com tripulações diminutas. O acesso à água está vedado ou pelo menos dificultado na maior parte das zonas urbanizadas e poucos se aventuram a nadar nas praias turvas que ainda restam na ilha de Coloane. Nem sempre foi assim.

A atividade piscatória e verdadeiros bairros flutuantes feitos de barcos-casa formaram durante muito tempo parte da paisagem exótica ou pelo menos *exotizada* de Macau, uma cidade ida a que hoje apenas temos acesso através de arquivos fotográficos e de uns poucos filmes. A produção cinematográfica, como tantas outras coisas, demorou a chegar àquele pequeno enclave do delta do Rio das Pérolas então sob administração portuguesa. E se tal é verdade para toda a sorte de produções fílmicas, é-o ainda mais no que toca à ficção.

A primeira longa-metragem de ficção de que há registo, mas de que infelizmente não existe qualquer cópia, é a desaparecida *Caminhos Longos* (1955), de Eurico Ferreira, produzida pela Eurasia Film Company e sobre a qual Ana Catarina Leite publicou um notável artigo académico na revista *Asian Studies* (“Cleansing Macau’s Image as the ‘Wickedest City in the World: Eurasia, Long Way, and Luso-tropical film production in Macau in the 1950’s”, 2021). É neste contexto de escassez de produção que ganham especial relevo os filmes de Miguel Spiguel (1921-1975), – de origem turca radicado em Portugal e que trabalhou em vários projectos de propaganda do Estado Novo, não apenas em Macau mas noutros territórios ultramarinos, do chamado “oriente português” às colónias em África.

MAYANA (1966) é a derradeira parte do tríptico que compõe *Operação Estupefacientes - Macau*, considerada a primeira longa-metragem de Miguel Spiguel. A história da produção do filme é contada por Maria do Carmo Piçarra em *A colecção colonial da Cinemateca. Campo, contracampo, fora-de-campo* (2018), onde se contextualiza que a trindade O IMPERADOR DE ÓPIO, DOCA DE PATANE e MAYANA, teve o patrocínio da Polícia Judiciária de Macau que, de um jeito a puxar para o patusco, procurou ilustrar o modo como as autoridades locais combatiam o tráfico de estupefacientes e ajudavam a recuperar aqueles caídos no “vício da droga”. Ainda que possam ser vistas e analisadas individualmente, DOCA DE PATANE, que será também objeto de digitalização pelo projeto FILMar, será porventura a mais bem conseguida das três partes no retrato que oferece dessa zona da cidade onde “o mar por vezes ajuda a prolongar a terra”, mostrando, até sem querer, as condições precárias em que existiam aquelas populações, em evidente contraste (ainda que este esteja ausente, ‘fora de campo’) com o modo de vida dos habitantes da ‘cidade cristã’. Essas imagens de uma certa Macau dos anos 1960 são raras e foram captadas por Perdígão Queiroga, operador ao serviço de Miguel Spiguel e realizador de filmes portugueses bem conhecidos como FADO, HISTÓRIA DE UMA CANTADEIRA (1947) ou AS PUPILAS DO SENHOR REITOR (1961).

Se a mão treinada de Queiroga atravessa as três partes de *Operação Estupefacientes - Macau*, o mesmo não acontece com a inusitada narração que cobre toda a obra de um tom difícil de qualificar. Um exemplo, do que poderia ficar algures entre a propaganda barata e a poesia de chinelo: “onde há uma cabeça sonhando através do ópio, há sempre um problema na Judiciária”. MAYANA tem pouco mais de 20 minutos e conta a história de uma jovem chinesa atingida pela “terrível calamidade” do ópio. O filme abre com um plano em que os “pacientes”, alinhados como prisioneiros ou como escravos, caminham lado a lado escoltados por um polícia, prestes a dar entrada num centro de reabilitação. A partir daí, em sucessivas analepses, vamos conhecendo a história de Mayana (Mayana Martin) e de Charlie (Charlie Wong) – ela uma cantora e pianista de salões de festas, ele o jovem que dela se enamora sem imaginar que nuvens de fumo se escondem por trás daquela voz.

Como dois turistas casados de fresco e felizes, Mayana e Charlie passeiam-se e passeiam-nos pelas ruas de Macau, mas a indisposição de Mayana (apenas apaziguada por cigarros de ópio que ela fuma avidamente!) vai dando nas vistas. A jovem cantora acabar por ser apanhada e por arrastar Charlie consigo.

Dois momentos merecem destaque naquilo a que podemos chamar o valor documental de *Mayana*. Um deles, logo no início, mostra em pouco mais de 30 segundos, a festa de passagem de ano em que o casal se conheceu. Essas imagens, pela sua vivacidade ou, podemos mesmo dizer, veracidade de uma realidade que escapava ao controlo das autoridades e à imagem que o regime queria dar das suas colónias, captam momentos onde “todos tinham a mesma expressão, o mesmo desejo de felicidade” e mais parecem surgir de filmes de família, por serem em tudo contrastantes com o que o cinema de Spiguel e Queiroga havia apresentado até então. Funcionam como uma pequena fenda por onde espreitar as festas de salão da Macau desses tempos, das quais existem poucos registos conhecidos. O outro momento é de meta-cinema, a fechar o filme, quando o próprio realizador surge em cena na companhia de um médico a visitar a casa dos jovens já a salvo do “vício” e radiantes por viverem naquela “feliz terra portuguesa”. Pode dizer-se que MAYANA é uma espécie de melodrama clássico, se o melodrama tivesse sido atropelado por um camião de propagandistas. A hilariante direção de atores e o anti-naturalismo da representação (talvez com exceção de uma cena em que Mayana chora) causarão por certo, “boas e sinceras gargalhadas de incredulidade”. Junte-se-lhe o facto de, além da narração mais que moralista, Spiguel arriscar o uso esparso de diálogos sem qualquer tipo de sincronização (ou, diga-se, ligação) com o que vemos os atores ‘dizerem’ em cena e tudo isto transforma MAYANA num objeto bizarro, um filme cujo visionamento se altera por completo quando feito com ou sem som, experiência que se recomenda.

MAYANA acompanha nesta sessão o filme FANT (*O Vagabundo*), longa-metragem daquele que foi o mais importante e prolífico realizador norueguês da década de 1930: Tancred Ibsen. Este Ibsen terá uma das mais extraordinárias combinações de ascendência de que há memória nas artes: neto, como o apelido já indica, do grande dramaturgo Henrik Ibsen, e do escritor Bjørnstjerne Bjørnson, Prémio Nobel da Literatura em 1903. O avô vencedor do Nobel é hoje um ilustre desconhecido mundo fora. O outro, que nunca o recebeu, é venerado. Dá que pensar.

A história de Tancred Ibsen é conhecida e contada no livro *Nordic National Cinemas*: dele esperava-se quase tudo e ia dando quase nada, ao menos até viajar para Nova Iorque em 1923 com a esposa e dançarina e atriz Lillebil Ibsen, onde numa sala escura terá tropeçado em ORPHANS OF THE STORM, de Griffith. Daí até trabalhar por algum tempo em Hollywood, sem grande sucesso, mas absorvendo tudo quanto podia, e a regressar a casa cheio de ideias para os seus próprios filmes, foram uns quantos passos bem dados.

FANT é a adaptação do romance homónimo de Gabriel Scott e nele acompanhamos a vida de um grupo de pessoas-barco (para aproveitar a expressão inglesa muito adequada, boat-people), ou seja, que viviam em barcos. Como no tríptico rodado em Macau por Miguel Spiguel, o mar e as embarcações têm aqui lugar central, como tem a clássica história de (des)amor. Fendrik (Alfred Maurstad) é um desses errantes à bolina, anda de porto em porto e tenta sair debaixo da asa do pai, o poderosamente pobre Sebaldu (Lars Tvinde). Finalmente senhor do seu próprio barco, Fendrik decide partir à aventura – falta-lhe mulher e são as histórias das mulheres com quem se cruza que ditarão a sua desgraça.

A abertura de FANT e vários outros momentos em que não temos contacto com os corpos e os rostos nórdicos que enchem o filme remetem para outras geografias bem mais amenas e até tropicais - por vezes parecemos reconhecer em alguns planos a costa das ilhas do sul da China, a costa de Macau antes de ser Macau. Como escreveu Luís Miguel Oliveira (2006) para uma projecção anterior de FANT na Cinemateca, trata-se de um filme que domina as ferramentas narrativas do cinema norte-americano mas que é “muito mais ‘solarengo’ e muito mais interessado em exprimir uma ‘alegria de viver’ do que o que é habitual associarmos ao cinema nórdico”.

Essa alegria de viver que a personagem central Fendrik cultiva à superfície não toca, porém, o âmago da sua vida itinerante. Quando parte de um dos povoados onde aporta o seu barco, Fendrik leva, sem saber, companhia a bordo. A jovem Josefa (Sonja Weigert), que aguarda o regresso do seu amado, decide fazer-se ao mar para fugir da casa do tio, homem violento que a deseja e aterroriza. Ao lado de Fendrik, que tem tanto de doce quanto de infantil (e de violento também), a bela e muito loura Josefa conhece os modos da vida cigana e mercadejante aos quais é imperativo adaptar-se. Inebriado pela nova companheira, Fendrik toca a sua guitarra, dança e tenta que Josefa se enamore dele, mas os seus passados não deixarão de persegui-los. O desenlace de FANT mostra-nos que Fendrik é água e à água voltará.

Sendo quase 30 anos anterior a MAYANA, FANT é um filme muitíssimo mais jovem e desempoeirado. As suas personagens balançam entre a aparente seriedade e uma certo desgoverno bem-humorado, algo que remete de imediato para a biografia de Tancred Ibsen: militar, pioneiro da aviação, aventureiro, o mais famoso de todos os netos da Noruega. Uma vida assim é brincadeira.

Há uma cena na qual Fendrik tem de esconder da polícia uma grande perna presunto que roubou e para tal conta com a ajuda de Mathilde (Guri Stormoen). Enquanto os agentes revistam o barco em vão, Mathilde embala o bebé ao colo. Só que o bebé é, afinal, o presunto enrolado numa manta, bem escondido. Em MAYANA, pelo contrário, o presunto, que é como quem diz o intento descarado de cada cena, está todo à mostra. A ditadura portuguesa pode ser acusada de muitas coisas, nunca de ter primado pela sofisticação. Isto é também verdade para grande parte do cinema que produziu.

Hélder Beja